

Crença



Acredito em mim.
 Acredito em você.
 Acredito no ser humano e na vida.
 Acredito no DNA.

Acredito na capacidade de transformação incessante.
 Acredito na Lei da Origem Dependente.
 Acredito no Dharma de Buda.
 Acredito na Sanga de Buda.
 Acredito nas Três Joias.
 Acredito no Corpo Uno.
 Acredito na capacidade humana de reconstruir.

Num momento em que há tanta descrença, eu tenho muitas crenças.

Num momento em que há tanta desesperança, mantenho viva a chama da esperança de que podemos dar o salto quântico e transformar a realidade.

Somos a vida da Terra.

Acredito na sabedoria e na compaixão.
 Mas não gosto de ser politicamente correta.

Não quero ser boazinha e gentil.

Quero ser quem sou.

E quem sou é movimento e luz, sombra e quietude.

Sou vida morte.

Sou o tempo.

Sou o nada tudo.

Inúmeras possibilidades.

Neste trimestre celebra-se o Dia de Buda, que no calendário oficial do Brasil coincide com o Dia das Mães. Para eruditos japoneses, a data é 8 de abril.

Teremos visitantes ilustres em maio. O Reverendo Junnyu Kuroda Roshi, do Japão, e a Reverenda Shugetsu Appels, da

Holanda, virão autenticar o Combate do Dharma do Monge Kojun, da comunidade Zen de Ribeirão Preto. A celebração será aqui no templo em São Paulo, na noite de 25 de maio – apenas para praticantes e convidados.

E, na noite anterior, 24 de maio, o Reverendo Kuroda Roshi dará ensinamentos do Dharma no Centro de Convenções Rebouças, sobre o corpo uno das Três Joias e sobre o Círculo Perfeito – Enso. Inscrições pela Sympla (www.sympla.com.br). Preparem-se para dez minutos de dança butô com a professora Emily Sugai – Shundo.

Em 30 de junho, o praticante leigo André Spinola e Castro (Genzo), que tem praticado como shusso desde o início do ano, fará a Cerimônia de Combate do Dharma.

Haverá uma Assembleia-Geral em 22 de abril.

Novos livros sendo lançados: *Zen para Distraídos – Princípios para Viver Melhor No Mundo Moderno*, organizado por Nilo André Cruz (Editora Planeta), e *O Inferno Somos Nós – Do Ódio à Cultura de Paz* (Papyrus), um diálogo com Leandro Karnal.

O Zen Vale dos Sinos, em São Leopoldo (RS), celebrou dez anos e a Monja Kokai Sensei fez sua primeira ordenação laica este ano.

No Vila Zen, em Porto Alegre (RS), o Monge Dengaku Sensei e a Monja Shoden Zaguen providenciam a construção da nova cozinha e refeitório, após o sesshin de fevereiro.

Em Campina Grande (PB), o Monge Ikko Zaguen e a Monja Reiko mantêm a prática incessante.

Em Ribeirão Preto (SP), o Monge Kojun concilia suas aulas em universidades, como professor de arquitetura e de psicologia, com a prática monástica e o desenvolvimento de uma comunidade de praticantes locais.

A Monja Waho Sensei à frente da Sala Therigatha, em São Paulo, segue ordenando leigos e leigas e realizando práticas de meditação nas ruas, às sextas-feiras.

O Monge Enjo Stahel, meu primeiro discípulo monástico, abre uma nova sala no templo de Pedra Bela (SP), inaugurada por Kuroda Roshi em maio.

O Zen do Brasil vai muito bem, obrigada.

Creio no Zen do Brasil. E tenho muita esperança na juventude, nas gerações que vêm surgindo, cheias de questionamentos existenciais e prontas a assumir o comando de um mundo mais ético e eficiente.

Mãos em prece,

Monja Coen



Acontece no Zendo



Genzo André Spinola e Castro

1.

1. Entrega do documento de cofundadora do Via Zen-Vila Zen à Monja Coen Roshi pelo Monge Dengaku Sensei e pela Monja Shoden, em fevereiro, durante o Sesshin de Agradecimento no Vila Zen (RS).

2. Palestra na celebração de dez anos do Zen Vale dos Sinos, de São Leopoldo (RS), dirigido pela Monja Kokai Eckert Sensei, 14/2.

3. Roberto Melo, Sofu, fez Combate do Dharma, no Templo Taikozan Tenzui Zenji, sob orientação da Monja Coen Roshi. Defendeu o Caso de Bodidharma, teve como auxiliar superior José Fonseca, Eishin, do Via Zen, de Porto Alegre, e como auxiliar inferior, André Spinola e Castro, Genzo, de São Paulo, em 7/2.

4. Cerimônia de Preceitos Laicos para Christopher Zung Sing Yung. Nome de Preceitos: Zen Yu (Zen Alegre), 7/2.

5. Cerimônia de Preceitos Laicos para Fábio Henrique Cossi Barbosa. Nome de Preceitos: Guen Ji (Profundo Preservar), 21/2.

6. Cerimônia de Preceitos Laicos para Noeli Maria Rhoden. Nome de Preceitos: Ro Den (Joia Preciosa da Transmissão). E para Sandra Ferraz da Silva. Nome de Preceitos: Den Po (Transmissão do Dharma), 28/3.

7. In memoriam: bordado de Ricardo de Barros Nascimento, artista plástico, praticante desta comunidade, que se nomeou Corisco Zen e faleceu em 10 de fevereiro, com 61 anos.

8. In memoriam: falecimento do Monge Joshin (Francisco Capano Martins Bento), aos 61 anos, no dia 13 de abril, em Feira de Santana (BA).

8.



7.

Genzo André Spinola e Castro



2.

Genzo André Spinola e Castro



3.

Genshin Edvaldo Armeilini



4.



5.



6.

Monja Zentchu Sensei

COMUNIDADE

Registros Oficiais Religiosos

Retornei ao Brasil, depois de doze anos residindo no Japão e sete anteriores nos Estados Unidos, e fui convidada a trabalhar para o Templo Busshinji, no bairro da Liberdade, em São Paulo. O templo acabara de ser totalmente construído pelo reverendo Daigyo Moriyama Sookan Roshi, o Superintendente da Ordem Soto Shu para a América do Sul. Ele havia retornado ao Japão, e meus superiores hierárquicos da sede administrativa me pediram para guardar o templo até que outro Superintendente fosse nomeado. Assim o fiz.

As antigas casas haviam sido derrubadas e um novo edifício, com salões espaçosos, voltou a atrair muitos descendentes – e também não descendentes – de japoneses para as práticas tradicionais do zen-budismo.

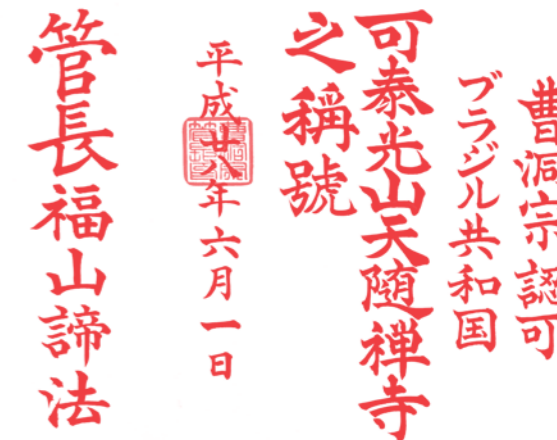
Cheguei a encontrar caixotes com fotos, copos, objetos pessoais e do templo, que eram reminiscências de Ryohan Shingu Sookan Roshi, o primeiro Superintendente-Geral da Ordem Soto Shu para a América do Sul. Muitas coisas tinham sido destruídas e outras, levadas por monges discípulos de Shingu Sookan Roshi. Havia anais, livros de presença e muitos tabletes memoriais – alguns bem antigos, de madeira –, além de fotos de falecidos. Entre elas, uma imagem intrigante do local onde caiu a bomba de Hiroshima, na qual aparecia um vulto fantasmagórico em meio aos escombros do edifício que se tornou o monumento da Segunda Guerra Mundial.

Minha intenção era preservar o Templo Busshinji, local sagrado, relicário de imigrantes japoneses, com sua crenças e seu trabalho inspirador de honra, respeito e dignidade. Fiz o que pude durante os quase sete anos em que lá fiquei. Foi durante esse período que me tornei a primeira mulher e a primeira pessoa de origem não japonesa a assumir a presidência da Federação das Seitas Budistas do Brasil, por um ano. Fato histórico, memorável.

Não demorou muito para que o templo crescesse em número de adeptos. Promovemos simpósios budistas em português, encontros inter-religiosos, cursos, aulas, práticas meditativas, casamentos, enterros, missas memoriais. Abrimos o espaço para outras artes relacionadas à cultura japonesa, incluindo Baika (prática musical baseada no canto de poemas budistas, com o acompanhamento de instrumentos simples, como pequenos sinos) e o Coral da Aliança Cultural Brasil-Japão.

Foi um período intenso e de muitas viagens ao interior do Brasil para conhecer imigrantes japoneses, seus descendentes e a história de sua vinda para o país. Os anos se passaram, o templo cresceu muito e nossa sede administrativa achou por bem enviar um novo Superintendente para a América do Sul. Com a chegada dele, em poucos meses, eu me afastei de minhas funções e meus alunos iniciaram um centro de prática para dar continuidade aos seus estudos do Dharma. O grupo cresceu, alugamos uma sala perto do Hospital das Clínicas, onde ficamos por seis anos. O grupo cresceu ainda mais e alugamos a casa onde estamos até hoje.

Há mais de doze anos fizemos a celebração da minha entrada como responsável por este templo, nomeado Taikozan Tenzui Zenji por meu mestre de Transmissão, Yogo Roshi (Zengetsu Suigan Daiocho). Essa cerimônia teve como representante oficial o então escolhido Superintendente-Geral da Ordem Soto Shu para a América do Sul, Reverendo Dosho Saikawa Sookan Roshi, que até hoje desempenha essa função.



Veio especialmente do Japão o Reverendo Junnyu Kuroda Roshi – o irmão mais novo do meu falecido mestre de ordenação, Maezumi Roshi (Koun Taizan Hakuyu Daiocho) –, que muito me auxiliou durante os doze anos em que vivi naquele país. Ele trouxe sua assistente do Zen River, de Amsterdã, Reverenda Shugetsu. Do Zen Center of Los Angeles, veio a Reverenda Egyoku Nakao Roshi e seu atendente, além de vários monges e monjas de todo o Brasil. Foi uma cerimônia solene. Entretanto, o evento não foi registrado em nossa sede administrativa.

Apenas agora, mais de doze anos depois, recebi os documentos que reconhecem esta pequena casa no bairro do Pacaembu, em São Paulo, como um templo da Soto Shu. E também me foi reconhecida a posição de Superiora deste templo, com o direito de usar os hábitos vermelhos que este nível permite.

Levando tudo isso em consideração e também a necessidade de legalizar meus documentos de formação monástica, estamos, a partir deste ano (ano Buda 2584), traduzindo e registrando em cartório brasileiro todos os documentos relacionados aos meus estudos e graduações monásticas, bem como os da Monja Zentchu Sensei e do nosso templo.

Na Assembleia-Geral, a ser realizada em 22 de abril, será registrada a Transmissão do Dharma para o praticante leigo Edmundo Muni, do Via Zen, de Porto Alegre, bem como a do Monge Ryozan Testa, de São Paulo, que, cansado de esperar pelos reconhecimentos japoneses, fez seus votos diretamente comigo, independentemente de registros no Japão.

Assim, estamos iniciando uma nova fase – tanto do registro oficial pela Soto Shu Shumicho do Japão, como pelo governo brasileiro, para que nossa autêntica prática seja também reconhecida pelos órgãos competentes.

Espero ver o desabrochar das comunidades relacionadas ao meu trabalho de difundir os ensinamentos de Xaquiamuni Buda, Mestre Eihei Dogen Zenji e Mestre Keizan Jokin Zenji, pois acredito firmemente que as práticas de zazen e os ensinamentos dos mestres e das mestras ancestrais são os fundamentos necessários para uma cultura de não violência ativa, de justiça e de cura da Terra.

Minha profunda gratidão aos atuais responsáveis pelo Departamento Educacional e Internacional de nossa sede administrativa, em Tóquio, e a todos e todas aqui no Brasil – e em vários locais do planeta – que confiam nos ensinamentos e contribuem para que o maior número de seres possa despertar.

As facilidades midiáticas, por meio do programa *Momento Zen*, na Rádio Mundial, e do Canal MOVA, no YouTube, tornam minha tarefa de difundir o Dharma de Buda mais ampla e profunda.

Que todos os seres se beneficiem e que possamos nos tornar o Caminho Iluminado.

Mãos em prece,
Monja Coen

Estado original e estado de cultivo e realização

Junnyu Kuroda Roshi

O estado original refere-se à nossa natureza, que abrange todos os planos de existência – do nível mais elevado de Buda até o mais inferior dos planos infernais. Assim, não importa se é iluminado ou deludido, moral ou imoral, com forma ou sem forma – é o mesmo com todos. Isso pode ser chamado de qualidade verdadeira, natureza verdadeira ou natureza não nascida.

Já o estado de cultivar e realizar refere-se ao plano em que a pessoa tem fé em sua própria natureza original, procura entendê-la, cultiva suas qualidades, verifica (realiza) e finalmente penetra o seu eu – interpenetração entre Buda e a pessoa. Essas duas dimensões são caracterizadas pelo Mestre Tozan Ryokai nos Cinco Níveis (cinco ranks).

O estado original corresponde aos cinco níveis de correta e parcial realização, ao passo que o estado de cultivo e realização corresponde aos cinco estágios da prática e seus méritos. Em outras palavras, a dimensão do estado original é dividida em cinco, dentro dos cinco estágios da realização total e parcial.

Fé, entendimento, prática, realização e acesso à dimensão do cultivo e realização podem ser divididos em cinco dentro dos cinco estágios de prática e seus méritos. Por exemplo:

- período inicial (a pessoa que pratica como iniciante busca consciência e realização de possuir a Natureza Buda);
- período de prática profunda (a pessoa pratica a meditação profunda e sinceramente para encontrar a iluminação sublime e a súbita realização de sua própria natureza);
- período de iluminação (a pessoa que pratica escapa da dualidade dos opostos dentro do samsara depois de prática intensiva – confia completamente em sua Natureza Buda, sem dúvidas);
- período de integração (efetividade mútua de integração entre intelecto e comportamento, quando corpo-mente se unificam);
- período sem obstáculos (estágio final, em que há libertação até mesmo da obtenção da iluminação, sem nenhum apego e retornando à sociedade regular para ensinar outras pessoas).

Como disse anteriormente, o estado original das coisas é nossa natureza e, ainda assim, nenhum ser comum sabe o que é realmente. Não importa quão inteligente ou academicamente reconhecida seja a pessoa – enquanto for uma pessoa comum, não saberá o que é.

Ao penetrar a sua natureza original, todas as escrituras budistas e os anais dos ancestrais se tornam óbvios. Até esse momento, seu significado permaneceria encoberto. Sendo assim, ler o *Shobogenzo* seria como tatear na escuridão. Sem que tenhamos realizado nossa natureza verdadeira, nosso olho de sabedoria, capaz de ver nosso estado original, ainda está fechado. Além disso, nosso estado original não pode ser alcançado com a ferramenta da ideologia, das ideias conceituais, da

crença ou da consciência comum. Não há outro caminho além do despertar direta e experimentalmente.

A tarefa da filosofia budista é traduzir esse estado original em termos ideológicos e apresentá-lo de forma visual. Por isso, na doutrina budista ele geralmente recebe várias denominações: Natureza Buda, Natureza Darma, Assim como É, Verdadeiro Princípio, Mente Una, Vairochana, Não Natureza, Não Nascido, Vazio. Na terminologia Zen, é chamado Mu, O Som de Uma Só Mão, O Cipreste no Jardim, e assim por diante.

Aqui é importante explicar a ideia dos Três Tesouros como Um Só Corpo.

"Qual é a verdade?" Quantas pessoas podem responder a essa questão? Não é suficiente responder dizendo: "A verdade é a verdade". Embora vários estudiosos gastem a vida explorando o assunto, parece não haver prospecto de obter um resultado satisfatório.

Há cerca de 2.600 anos, depois de seis anos de práticas ascéticas, Xaquiamuni sentou-se sob a árvore bodai e, ao ver a estrela da manhã, realizou a verdade. Esse foi o momento em que Ele penetrou a verdade sobre a realidade. É chamado estado original, nossa natureza, a verdadeira natureza do universo.

É impossível separar a natureza original e o mundo dos fenômenos, mas temporariamente vamos chamá-la de natureza original. Quando clarificamos a natureza original, a verdade sobre o mundo dos fenômenos também é clarificada. Sendo assim, pessoas comuns não sabem o que é essa natureza e meramente observam o mundo dos fenômenos pensando que compreendem tudo, mas é como se conhecessem apenas as ondas dizendo que sabem o que é a água. Dizer que realmente sabe o que é a essência da água é como dizer que a onda pintada no quadro é a onda verdadeira.

Um método budista é dividir a verdade em uma, duas, três, quatro ou cinco partes e explicá-las. Dentro delas há uma separação entre a natureza original e o mundo dos fenômenos. A natureza original é explicada como "vazio da natureza e da origem dependente" ou "o nível do princípio uno e o plano do fenômeno individual" – vazio e forma, integral e parcial. Esses, por sua vez, são divididos em três: Essência, Características e Função.

Uma das maneiras de categorizar é *Um Corpo Três Tesouros*. Desnecessário lembrar que se referem a Buda, Darma e Sanga. Ainda dentro dos três, podemos falar sobre *Um Corpo Três Tesouros*, universal, onipresente, corpo uno dos Três Tesouros. Os três como Xaquiamuni, o Buda histórico. Os três como os Três Tesouros mantidos após Xaquiamuni Buda – ou seja, imagens de Buda, sutras impressos e a comunidade de praticantes. Mas nosso propósito é explicar o nível do estado original e vamos inicialmente focar no primeiro desses – *Um Corpo Três Tesouros*.

Um Corpo Três Tesouros é a divisão do próprio estado

original, o Assim como É (Verdade), em três aspectos. A verdade em si mesma não é capaz de libertar seres humanos. Não pode ensinar. Apenas quando um indivíduo experimenta a Verdade, obtendo a paz autêntica, pode utilizar os caminhos ilimitados do coração de compaixão, liderar outros a experimentar a mesma Verdade e obter a autêntica paz, e falar sobre religião. Isso não é nada mais do que os Três Tesouros do Buda histórico e os Três Tesouros mantidos após Xaquiamuni Buda. Ao falar sobre *Um Corpo Três Tesouros*, embora falemos sobre a divisão em Buda, Darma e Sanga, o fato é que é impossível dizer que Um são três. No entanto, essa divisão foi criada para explicar a verdade provisoriamente. Originalmente, os Três Tesouros (Buda, Darma e Sanga) são um corpo, uma essência.

O que é ENSO – Três Tesouros

Vou tentar ilustrar o mundo do estado original usando ENSO, que simboliza a completa perfeição. Mas apenas dizer que é assim não é apreender a substância. A fim de fazê-lo, vamos cortar o ENSO horizontalmente. Podemos, assim, ver que a substância é plana e igual.

Não é o mesmo que tornar planas as montanhas e nivelar os rios. Nosso estado original é caracterizado por manifestar miríades de coisas e seres ao mesmo tempo equitativamente. Explicá-lo em termos negativos é chamá-lo de vazio.

Vazio não é o nada. Pelo contrário, significa uma solidez inerente. Em outras palavras, significa o que o não fenômeno pode ser. Literalmente falando, vamos pinçá-lo para defini-lo de alguma forma.

Esta figura simboliza todas as miríades de coisas. Em outras palavras, tudo flui. Em terminologia budista, denomina-se liberação, não eu, falta de natureza inerente, o inóbtível. Eu o chamo de natureza congênita.

Por outro lado, quando tentamos explicá-lo em termos positivos, apresenta-se plenamente virtuoso e completo. Isso quer dizer que todas as miríades de coisas são igualmente dotadas de virtude completa de total potencial ilimitado. Em tal respeito, Budas e seres comuns, pessoas imorais e pessoas corretas, oficiais da polícia e criminosos, ignorantes e sábios, fortes e fracos, grandes e pequenos, o maior e o menor, o carbono e o diamante, são equitativos. Seja qual for a forma, essencialmente é vazia, sem nenhum eu sólido inerente. Não pode ser alfinetada, pinçada. Como resultado, tem o potencial ilimitado de se tornar tudo o que é. Logo, nosso mundo fenomenal no nível superficial parece diferenciado, mas ele guarda a completude de ser virtuosamente igualitário em todas as coisas.

No budismo, isso significa que a Natureza Buda é a mesma em todos. Agora, vamos cortar o ENSO (nível do estado original) verticalmente e ver o que está dentro, suas qualidades

distintas. Entretanto, não é o que a pessoa comum chama de discriminação. Possuir formas distintas que não acontecem por acidente não é algo desfavorável ou inconsistente. No budismo, essas características são muito consistentes e há uma razão clara para que assim seja.

Obviamente, em nossa sociedade nós forçosamente criamos distinções não naturais e então lutamos contra as desfavoráveis, mas, eventualmente, a lei natural cuida de si mesma de forma que as distinções artificiais não conseguem perdurar.

O budismo é a única religião do mundo que enfatiza o autodespertar. Origina-se na experiência do autodespertar de Xaquiamuni Buda, que era um ser humano. Se dividirmos sua realização em dois aspectos, temos o da equidade e o da diferenciação. Já explicamos o primeiro. Vamos agora dar falar sobre o segundo aspecto.

Todas as qualidades distintas dos fenômenos têm sua origem de uma variedade de causas acompanhadas de condições. Como resultado da origem interdependente, cada uma e todas elas podem se manifestar como formas distintas. Isso pode ser observado no caso de todos os fenômenos, e estes, no budismo, são chamados de Darma.

O Darma, em outras palavras, governa este princípio e, separado disso, nada pode existir. Conseqüentemente, não há nada surpreendente quando falamos sobre distinções qualitativas nas coisas particulares. Entretanto, mesmo que falemos sobre essas características únicas, não é possível pegar nenhuma delas. Se há alguma espécie de insatisfação sobre qualquer uma, não há nada mais a fazer a não ser o esforço de criar novas causas e condições, que, como resultado, se manifestam em uma forma diferente. No budismo, isso é denominado distinção de causa e efeito.

Cortando o ENSO horizontalmente, vemos o aspecto da equidade absoluta. Cortando o ENSO verticalmente, observamos o aspecto das distinções absolutas. Em outras palavras, horizontalmente falamos sobre a Natureza Buda sendo a mesma em todos e verticalmente falamos sobre a distinção de causa e efeito.

Natureza Buda igual em todos refere-se a Buda em Um Corpo. Três Tesouros, com as distinções de causa e efeito, diz respeito ao Darma. Nós obtemos esses dois do Uno. Caso os separemos, não há como falar apenas de Buda e também é impossível falar apenas do Darma.

A equidade Buda e as distinções do Darma nunca existem por si mesmas. Na verdade, ambas existem simultaneamente, formando uma única essência, o Corpo Uno. Este, por sua vez, diz respeito ao aspecto Sanga. Assim, tudo o que existe é a Sanga em Um Corpo Três Tesouros. Ao mesmo tempo. Todos e cada um, em si mesmos, são *Um Corpo Três Tesouros*.

Origami

A vida se faz em dobras. A cada dobra, uma nova forma se desvela. Tal como na arte de dobrar papéis, minha vida e minha prática estão hoje fundidas em uma mesma figura. Não sei se seria possível diferenciá-las.

Como noviço, reaprendo a ser a cada dobra, sendo a própria dobra e buscando uma nova forma, uma compreensão e percepção mais profunda da vida-morte. Como cheguei até aqui?

Quando criança, ganhei um livro de origami. Tornei-me um entusiasta dessa arte, bem como de tudo o que se referia ao Japão, seus costumes e cultura. Tudo me intrigava. Cheguei a estudar a língua japonesa algumas vezes, mas impedimentos financeiros se interpunham a esse estudo. Embora afastado disso, ainda não desisti.

Na adolescência, questionava-me sobre a vida, os valores e crenças da cultura e da sociedade na qual cresci. Busquei diversas práticas religiosas, dobras com as quais não me identifiquei. Continuo curioso quanto a conhecer as diversas tradições religiosas, no entanto. Estudo-as quando possível.

Nessa busca, conheci, em uma das dobras, o budismo. Como teoria, ainda... nada concreto, factível.

Mais uma dobra da vida e mudei-me para Ribeirão Preto, cidade que me acolheu desde a adolescência e onde me graduei em psicologia, fiz mestrado em filosofia e psicanálise. Lecionei em uma das universidades locais e de um município próximo.

Numa dobra paralela, cheguei ao zen-budismo indiretamente, enquanto me dedicava às artes da cultura japonesa – pratiquei kenjutsu e ikebana, artes que encontrei frequentando a comunidade japonesa e um templo Terra Pura da cidade.

Ao sair daquele trabalho, optei por uma nova graduação, em uma área que me fora sempre apaixonante: a arquitetura. Já nesse momento da vida, um pouco mais maduro, decidi procurar o zen-budismo, meu real interesse dentre as várias linhagens budistas.

Uma vez que não havia nenhuma sanga zen-budista na cidade e, após algum tempo, contentando-me em praticar o budismo nessa outra linhagem, decidi que precisava sair de minha zona de conforto e ir atrás daquilo que realmente queria conhecer e praticar.

Em 2006, uma dobra me levou ao Zendo Brasil (ainda sediado à rua Arruda Alvim, em Pinheiros). Era um domingo de manhã e participei do Zazen para Iniciantes. Ao final da prática, Coen Roshi Sama chegava de um compromisso externo e, mesmo sem hora marcada, solicitei uma audiência (muita ousadia de minha parte!), explicando que viera de Ribeirão Preto e que gostaria de uns poucos minutos com a Mestre.

Amável como sempre, concedeu-me a audiência – não na hora, mas logo após o almoço. Pensei que conversaríamos por cinco ou dez minutos... Nosso encontro durou cerca de duas horas, e lhe falei sobre as diversas dobras de minha trajetória até então.

A cada dobra-mazela que contava, ouvia a Mestre rindo e

dizendo: "Que maravilha!". Durante aquela conversa, eu não podia compreender o porquê de tudo o que havia me feito sofrer no passado ser tão interessante e motivo de risos... Contudo, ao sair desse encontro, intrigado com as reações da Mestre, refleti: tudo era uma questão de ponto de vista. Assim, pude transformar minha percepção daqueles fatos, compreendendo-os, tal como descrevera Dostoiévski em um conto: "Sabe que me vejo obrigado a celebrar o aniversário dos meus sentimentos, o aniversário daquilo que dantes me era tão caro e que, na realidade nunca existiu". Foi o que pude perceber naquela primeira lição.

Voltei para casa renovado, disposto a praticar com afinco, o que não ocorreu. Era difícil praticar sozinho, longe da sanga. Era difícil articular essa dobradura de ser.

Assim, ausentei-me por um tempo e, ao me aproximar do final da graduação em arquitetura e urbanismo, senti a necessidade de retomar os estudos e a prática – de maneira despretensiosa, confesso. Queria apenas conhecer melhor o Zen. Decidi que meu trabalho final de graduação seria sobre o zen-budismo, mais especificamente o projeto de um mosteiro zen-budista.

Com esse intuito, passei a frequentar retiros, a visitar a sanga ao menos um fim de semana por mês e comecei a estreitar o contato com a prática, com a comunidade, com a Mestre. A dobra foi se fazendo.

Após algum tempo, pedi autorização para receber pessoas em meu apartamento para praticarmos juntos. Coen Roshi Sama disse que eu me sentaria sozinho por aproximadamente dez anos – levei um tempo para compreender que se tratava de um período de amadurecimento da sanga. Ainda assim, não me senti desencorajado e, em um pequeno quarto, pouco maior que a medida de dois tatames, comecei a intensificar a prática.

A dobradura se fazia, e logo aquele espaço ficou pequeno. Foi preciso reorganizar os móveis e liberar o espaço da sala do apartamento para abrigar mais pessoas.

Paralelamente, frequentava a comunidade em São Paulo, participando de retiros e treinamentos monásticos, e auxiliava no projeto do Vila Zen. Terminada a faculdade, continuei com a prática, recebendo os preceitos logo em seguida. Começava a costurar meu manto e, pouco depois, recebi a ordenação monástica de minha Mestre.

Nessa época, meu padrasto (já o considerava como um pai, na verdade) foi ficando cada vez mais doente e, algum tempo após minha ordenação, veio a falecer. Seus últimos meses de vida e os que se seguiram à sua morte foram os mais difíceis para manter a constância da prática, sob diversos aspectos. Mas ela própria me trouxe de volta.

Esse período marcou uma nova etapa para a pequena sanga de Ribeirão, pois vários daqueles que praticavam com regularidade não seguiram conosco para o novo local, ainda que este fosse muito próximo do anterior.

Começamos de novo.

Com isso, compreendi que também uma sanga é um organismo vivo e, como tudo, impermanente e em constante transformação. Tal como a respiração, se expande e se encolhe.

Grandes têm sido as dificuldades, porém maiores são as alegrias da prática e do estudo do Darma.

Hoje, mais uma dobra se faz no Caminho que venho trilhando há cerca de doze anos: fui escolhido por minha Mestre para ser monge líder (Shusso) durante um treinamento intensivo. São vários períodos de zazen ao longo do dia, prática das liturgias (as matinais, as do meio do dia e as vespertinas), estudo dos ensinamentos de Bodidarma, nosso 28º ancestral, bem como as práticas regulares da sanga de Ribeirão Preto, que englobam Zazen para Iniciantes, orientações, palestras e celebrações.

Além dessas tarefas, procuro dar conta do meu trabalho como professor universitário, do qual tiro meu sustento e que me permite seguir com a prática.

Esses papéis de minha vida já se configuram como uma única forma, uma dobra feita pelo Darma que se manifesta em todas as situações – os alunos da universidade chamam-me apenas por "monge".

Todas essas atividades têm me levado aos meus limites, sejam físicos, sejam daquilo que eu imaginava compreender do que fosse o Zen. Dessa forma, tenho encontrado em mim uma força e uma fé no Darma de Buda ainda maiores.

Considerando que tudo está interligado, que tudo não é senão um cosurgir simultâneo e interdependente, penso que as causas e condições que me fizeram monge começaram quando ganhei aquele livro de origami, na infância. Ao menos dessas causas é que tenho alguma memória. Considerando que um origami possui inúmeras dobras, inúmeros vincos, certamente tudo isso vem de muito antes, de tempos imemoriais, talvez.

A diferença: na arte do origami, vamos dobrando o papel até chegarmos a uma forma final. Na vida, contudo, as dobras são infinitas – sem princípio nem fim – e, a cada dobra, a forma é em si mesma perfeita. Nem melhor, nem pior, nada sobrando nem faltando – assim como é.

Registro aqui minha gratidão infinita a Xaquiamuni Buda e aos mestres ancestrais, à minha caríssima Mestre, Coen Roshi Sama, bem como a todos os que me ajudaram no trilhar deste maravilhoso Caminho!

Shusso Zenzui Kojun Iniciou seus estudos Zen-Budistas em 2006, sob orientação de Coen Roshi. Em 2010, fundou o Zendo Brasil Ribeirão Preto e recebeu a ordenação monástica em 2011. Dedicou-se à prática docente desde 2000, após graduar-se em Psicologia e obter o título de Mestre pela USP. Graduou-se também e atua na área de Arquitetura e Urbanismo.



Comunidade Zen Budista de Ribeirão Preto | Zendo Brasil

www.zenrp.org
Av. Prof. Mário Autuori, 494. City Ribeirão, Ribeirão Preto (SP)
Tel: (16) 3329-7059 | Whatsapp: (16) 99393-4534

• Zazen para Iniciantes: quintas-feiras, às 19h30, e domingos, às 10h30 • Demais práticas de zazen: sábados, às 16h e às 18h, e domingos, às 18h • Curso de Introdução ao Zen-Budismo: quartas-feiras, às 20h

Se provisionalmente chamarmos nossa natureza original de identidade igualitária da Natureza Buda, enquanto provisoriamente denominarmos as distinções de causa e efeito como realidade do fenômeno, perceberemos que a realidade fenomenal não é outra além da nossa natureza original. Ou seja, nossa realidade, ao mesmo tempo, é a realidade de todo o universo. A isso chamamos Thusness, o Assim Como É, ou a Forma Verdadeira das Coisas Assim Como São.

A verdade é explicada desse modo no budismo. A fim de exprimi-la metaforicamente, podemos dizer que por cima da água (Natureza Buda igual em todos) as ondas (distinção de causa e efeito) vêm e vão.

Na filosofia Kegon está escrito: "Nas águas imutáveis do Assim Como É não há um único dia em que as ondas, seguindo as condições do Assim Como É, não surjam". Tal é a verdade do universo. Tal é a nossa verdade. Tal é o universo do estado natural. Tal é o nível do mundo fenomenal.

Assim, partindo de uma visão filosófica da vida humana no universo, pelo ponto de vista do estado original das coisas, não há um

único problema para reclamarmos. É assim como é, sem atalhos. Do topo do nível Buda até o mais profundo inferno, nem um único erro pode ser encontrado. Não há um único ser a ser liberto.

Desse modo os ensinamentos de Buda parecem estar se misturando com as coisas comuns. Mera interferência. Olhar as coisas sob a perspectiva do estado original é perceber que não há um único ser que possa estar deludido. Consequentemente, é desnecessário falar sobre iluminação. Onde poderíamos encontrar algum pecado ou mácula?

Tudo o que existe passa por uma inumerável variedade de mudanças através da compaixão de Buda. O universo todo é Buda Vairochana, o estado original das coisas.

Ao ouvir a explicação acima, sobre o estado original das coisas, podemos confiantemente aceitar o ponto de vista ideológico, mas é crucial compreender experimentalmente – como você mesmo e a sua própria vida. Só assim, mesmo em circunstâncias não auspiciosas, podemos lidar com elas com alegria e imperturbável paz mental. Se a confiança no estado original das coisas não estabelecer a autêntica paz mental, a pessoa não pode, verdadeiramente, ensinar e liderar outros. Por isso a prática de zazen é tão importante – a fim de despertar experimentalmente esse estado original de coisas.

Para clarificar o processo de experimentar o Grande Despertar, é necessário o recurso de várias medidas. Estas não são nada mais do que cultivar e realizar o estado de coisas. Ambos (o estado absoluto e o estado relativo das coisas) são como duas rodas de um carro ou duas asas de um pássaro: quando uma falta, não podemos realizar o Caminho de Buda.

Palestra de Junnyu Kuroda Roshi, em 24 de maio, no Centro de Convenções Rebouças (tradução de Monja Coen Roshi).

Programação Semanal

Segunda-feira

20h - Zazen (meditação) e Teisho (palestra formal do Dharma)

Terça-feira

20h - Curso de Introdução ao Zen-Budismo*

Quarta-feira

20h - Curso de Zen-Budismo*

Quinta-feira

20h - Palestra do Dharma com Monja Zentchu Sensei. Uma quinta-feira ao mês, palestra especial com Monja Coen Roshi em local a ser anunciado

Sexta-feira

20h - Zazen e Dokusan (entrevista para discípulas/os)

Sábado

18h - Zazen para Iniciantes (aula prática de meditação zen-budista)**

Domingo

11h - Zazen para Iniciantes (aula prática de meditação zen-budista)**
12h30 - Encerramento

* Cursos de 4 meses, apenas para alunos matriculados previamente. Não há aulas avulsas.

** Chegar 15 minutos antes.

Comunidade Zen Budista Zendo Brasil

Rua Des. Paulo Passaláqua, 134
Pacaembu, São Paulo/SP
CEP: 01248-010 | Tel.: (11) 3865-5285
e-mail: zendobrasil@gmail.com
www.monjacoen.com.br
www.zendobrasil.org.br
Facebook: Zendo Brasil

Este jornal é uma publicação trimestral, de distribuição gratuita, realizado com trabalho voluntário pela Comunidade Zen Budista Zendo Brasil.

Supervisão e edição: Monja Coen

Coeção e arte: Fugetsu Regina Cassimiro (www.reginacassimiro.com)

Revisão: Shobun Andrea Caitano

Programa *Momento Zen*, com Monja Coen, na Rádio Mundial
Segundas-feiras,
das 19h30 às 19h55
FM 95.7 | AM 660
www.radiomundial.com.br



Acesso gratuito à série
SER - Sabedoria e Renovação, com Monja Coen, no Canal MOVA: YouTube:
youtube.com/movafilmes.
Facebook: facebook.com/canalmova



AGENDA DA COMUNIDADE

[Nossa agenda está sujeita a alterações. Confira as atualizações no site, na nossa página no Facebook ou por telefone](#)

Abril

19 Lançamento do livro "Zen para Distraídos" na Livraria Blooks (RJ)

22 Assembleia Geral Ordinária

26 Palestra mensal da Monja Coen Roshi, no Clube Aramaçan - Santo André, 20h30

Maio

6 Flipoços - Feira do Livro, em Poços de Caldas

13 Cerimônia do Dia das Mães e Dia de Buda

19 Zazenkai com Monja Zentchu Sensei

24 Palestra especial da Monja Coen Roshi com a participação do Monge Kuroda Roshi, de Tóquio (Japão). Abertura de Emilie Sugai com performance de Butoh, no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo. Ingressos: www.sympla.com.br

25 Combate do Dharma do Monge Kojun, 20h

26 Aula de Rakusu com Monja Kokai Sensei

27 Aula de Rakusu com Monja Kokai Sensei e Jukai-e

31/5 a 3/6 Retiro Zen e Yoga em Ubatuba com Monja Coen e prof. Marcos Rojo

Junho

8 a 10 Retiro no hotel Mandai, em Cabo Frio (RJ). Inscições: www.hotelmandai.com.br

12 Palestra de Monja Coen Roshi na Feira do Livro de Joinville (SC)

12 Encerramento do Curso de Introdução ao Zen Budismo

13 Encerramento do Curso de Zen Budismo

16 Zazenkai com Monja Zentchu Sensei

21 Palestra de Monja Coen Roshi

25 Mesa Redonda com Monja Coen Roshi, Rabino Michel e Gilberto Dimenstein na Livraria Cultura do Conjunto Nacional (SP)

30 Combate do Dharma de Genzô André Spinola e Castro

PROGRAME-SE

Julho 13 Música e Meditação no escuro

- Trovadores Urbanos com Monja Coen

Roshi no UNIBOS **15** Cerimônia de Obon, 13h

19 Palestra Monja Coen Roshi em São Paulo

20 a 22 Retiro na Uniluz, em Nazaré Paulista

21 Zazenkai com Monja Zentchu Sensei

20 a 26 Treinamento Intensivo com Monja Zentchu Sensei

Agosto 18 Zazenkai com Monja Zentchu Sensei

21 Palestra da Monja Coen Roshi em Goiânia

Setembro 13 Palestra da Monja Coen Roshi no Congresso Holístico Internacional em Gramado (RS)

20 Palestra da Monja Coen Roshi em São Paulo

22 Zazenkai com Monja Zentchu Sensei

23 Cerimônia de Ohigan-e, 13h

28 e 29 Palestra e lançamento do livro: "O inferno Somos Nós: Do Ódio à Cultura de Paz", de Monja Coen Roshi e Leandro Karnal em Curitiba (PR)



O INFERNO SOMOS NÓS **NOVO**
Leandro Karnal e Monja Coen nos mostram como o conhecimento, de si e do outro, é capaz de produzir uma nova atitude na sociedade. R\$ 32,00



ZEN PARA DISTRAÍDOS **NOVO**
Livro de Monja Coen, organizado por Nilo Cruz, traz conceitos do budismo para a vida diária. R\$ 29,90



O SOFRIMENTO É OPCIONAL
Monja Coen nos conta como o zen-budismo pode ajudar a lidar com a depressão. R\$ 45



O MONGE E O TOURO
Com ilustrações de Fernando Zenshō, traz uma releitura do clássico conto zen "Os Dez Touros" pela Monja Coen Roshi. R\$ 24,90



108 CONTOS E PARÁBOLAS ORIENTAIS
108 koans selecionados e aplicados ao nosso cotidiano por Monja Coen. R\$ 34,90



A SABEDORIA DA TRANSFORMAÇÃO
Em textos leves e bem-humorados, Monja Coen nos convida a rever valores e conceitos. R\$ 25



VIVA ZEN
Monja Coen mostra que viver Zen não é só ficar bem, mas é um modo de recontar a própria história. R\$ 25



SEMPRE ZEN
Em seu segundo livro, Monja Coen volta a nos contagiar com sua postura de vida e ensinamentos zen-budistas. R\$ 25



OITO ASPECTOS NO BUDISMO
Destinado a pessoas que desejam aprofundar-se nos ensinamentos de Buda. R\$ 10